

Cada página é um soco no estômago

José Manuel Fernandes

Quando o grosso volume “Holocausto em Angola - Memórias entre o Cárcere e o Cemitério” pousou em cima da minha secretária comecei por me arrepender de ter aceite participar na sessão de apresentação. O tema - a repressão em Angola na sequência do 27 de Maio de 1977, quando um facção do MPLA tenta derrubar Agostinho Neto - apaixonou-me há anos, tanto mais que conhecera, se bem que muito superficialmente e como adversária política, uma das vítimas, Sita Vales. Recordava a intransigente e intratável estudante comunista de Medicina de Lisboa pela forma aguerrida como defendia as suas ideias, mesmo entre centenas de jovens que lhe eram hostis e, também, por uma beleza raríssima num tempo em que se fazia gala no desmazelo “proletário”. O livro não me acrescentou muitos pormenores sobre as condições em que foi presa, torturada, violada e morta depois de ter optado pelo lado errado na luta sem quartel entre os revolucionários angolanos. Em contrapartida, as centenas de pequenas histórias de horror, aqui e além entremeadas com uma recordação de intensa humanidade no sofrimento comum, que Américo Cardoso Botelho reuniu neste imenso volume, permitiram que recordasse todos os horrores do século XX, esse século de extremismos sem limites.

O autor, que aterrou em Luanda quando os últimos portugueses dela fugiam, acabaria apanhado numa engrenagem em que os que não eram 100 por cento fiéis terminavam numa das muitas prisões ou campos de concentração angolanos. O que aí testemunhou, e relata de forma tão singela como directa e quase

ingénua, é um mundo em que a luta pelo poder há muito se havia sobreposto a qualquer ideologia, por mais humanista e redentora que esta se proclamasse.

E o que aflige, ao avançar penosamente, página a página, por este livro que

Custa ler as memórias angolanas de Américo Cardoso Botelho. Mas é indispensável fazê-lo

nos leva ao mais horrível do que somos capazes de fazer a outros homens, é a sensação de que o 27 de Maio de 1977 provocaria sempre uma tragédia, saísse quem saísse vencedor da luta que opôs o desconfiado e manhoso Agostinho Neto ao arrebatado e radical Nito Alves. Quem vencesse mataria com a mesma frieza, utilizando os mesmos esbirros, pois esses não servem senão quem manda e no momento em que manda. É assim que vemos irmãos mandar prender e executar irmãos, companheiros de luta ignorarem apelos de elementar clemência, homens de cultura servir como torturadores, gente sem eira nem beira ser trucidada por uma máquina repressiva que reprimia, torturava e matava porque era essa a sua própria razão de existir.

A utopia fatal do comunismo tinha essa lógica: justificava os maiores horrores em nome de um futuro radioso a que líderes iluminados nos conduziriam. Ela funcionou nas prisões de Luanda, como nas de Moscovo, Pequim, Saigão ou Praga. Ou Havana. Raros sobreviveram para contar. Américo Cardoso Botelho foi um deles e sua clareza também resulta de não ser parte de qualquer conspiração, permitindo-lhe escrever uma das obras mais completas, mais duras e mais fiéis do horror inspirado pela fé no comunismo, uma fé que aliviava as consciências de quem ordenava a morte dos outros apenas para ter a certeza de que lhes sobreviveria. Tal como na Roma Imperial, na Florença dos Bórgias ou na corte dos czares. Tuido porque o móbil era sempre o mesmo: o poder, o poder absoluto e pessoal. Mudava era a retórica

É por isso, para nunca esquecermos, que vale a pena percorrer estas páginas que nos violentam com a verdade vivida por quem sobreviveu para contar. E o faz já no dobrar dos 90 anos, tantos quantos conta Américo Cardoso Botelho.